

Expectativas e Atitudes de Mães Primíparas com Filhos Prematuros

ISABEL TEIXEIRA (*)

ISABEL PEREIRA LEAL (**)

1. INTRODUÇÃO

A importância das primeiras relações mãe-bebé e do estabelecimento de padrões de interacção desde os primeiros dias de vida têm sido sublinhados por diversos autores.

Factos relatados na investigação clínica têm chamado a atenção para o tipo de relação precoce mãe-bebé como factor preditivo do futuro dessa relação e do desenvolvimento emocional e cognitivo da criança. A interacção mãe-filho é um processo recíproco, sendo influente nas respostas de cada um o comportamento do outro.

Em situações consideradas de crise, pode-se dar uma ruptura destes padrões iniciais: é o caso da prematuridade. Existe consenso na literatura, que as vicissitudes inerentes à situação de prematuridade, dificultam o estabelecimento da relação mãe-filho e que o bebé prematuro é uma criança em risco (de atrasos; de perturbações no desenvolvimento motor, cognitivo e emocional; a nível relacional).

O nascimento prematuro de um bebé tem consequências sobre as vivências maternas e a organização da conduta do próprio bebé, o que vai originar dificuldades de interacção. A gra-

videz de um bebé prematuro é amputada, encurtada. O parto surge quando a mãe não está preparada e vem introduzir uma ruptura no desenvolvimento da fantasia materna.

Esta situação envolve separação no pós-parto imediato. A imaturidade neuro-fisiológica do recém-nascido leva ao seu internamento numa unidade de cuidados especiais de Neonatologia, meio ambiente que não preenche todas as necessidades do bebé prematuro. A ausência da criança é fortemente sentida pela mãe, surgindo frustração, angústia, culpabilidade, abalo ao narcisismo materno que não terá a contrapartida reparadora de ser «mãe» após o «traumatismo do parto». A primeira separação física originada pelo parto, vai ser neste caso ampliada por uma segunda separação: a separação forçada, com o bebé numa incubadora, recebendo os cuidados de outra pessoa.

De uma forma geral, podemos dizer que as expectativas e as atitudes maternas estão relacionadas com dois níveis de factores nem sempre considerados. O primeiro reporta-se, obviamente, à situação da mulher anterior à gravidez e nesse sentido dá conta de expectativas inerentes à sua vivência relacional. A mulher vai preparar-se para ser mãe, projectar os seus sonhos, defesas e ansiedades. O projecto de engravidar, o desejo ou não de ficar grávida, a própria gravidez, envolvem uma necessidade de reajusta-

(*) Psicóloga Clínica.

(**) Psicóloga Clínica. Professora Auxiliar, ISPA.

mento em várias dimensões: mudança de identidade, nova definição de papéis, novos níveis de integração e amadurecimento.

A primeira gravidez é sempre um desafio à adaptação da mulher como pessoa, um desafio à sua maturidade, à estrutura da sua personalidade.

A segunda ordem de factores, menos estudada e menos óbvia, refere-se à dinâmica da própria criança. Dizemos menos óbvia, dado haver toda uma tradição cultural que atribui ao recém-nascido a mais estrita passividade. Embora pareça claro que cada criança tenha o seu temperamento, a sua forma de se relacionar com o meio e que a interacção desenvolvida tenha uma significação social imensa, as considerações sobre a capacidade interactiva dos recém-nascidos ainda necessitam de ser apoiadas em estudos e trabalhos de investigação.

2. OBJECTIVOS

Tendo em conta as vicissitudes inerentes à condição de prematuridade e atendendo às conclusões verificadas em inúmeros trabalhos de investigação sobre as possíveis consequências desta situação, várias questões foram, por nós, levantadas. Eis algumas:

- Até que ponto a situação de prematuridade vai desencadear padrões de comportamento que interferem na interacção mãe-filho e no desenvolvimento da criança?

- A separação mãe-filho vai provocar mudanças significativas na actividade emocional materna?

- Haverá ou não uma relação significativa entre o que é sentido e o que é vivido pela mãe de um filho prematuro?

- Que tipo de expectativas terão as puérperas com filhos prematuros em comparação com puérperas com filhos nascidos de termo?

- O facto da criança ter nascido prematuramente vai ser significativo em termos das expectativas e atitudes maternas?

- Até que ponto existirão diferenças significativas entre as expectativas e atitudes de mães de prematuros e as expectativas e atitudes das mães com bebés de termo?

Foi a partir desta linha de pensamentos que surgiu o propósito de investigar o efeito da situa-

ção de prematuridade na relação precoce mãe-bebé, isto é, perceber o impacto da percepção do bebé nas expectativas maternas e relacioná-las com diversas atitudes que a mãe vai desenvolver com o seu filho.

3. AMOSTRA

Os sujeitos que constituíram a nossa amostra foram retirados de uma população de puérperas primíparas, assistidas na Maternidade Dr. Alfredo da Costa e no Hospital de Santa Maria. Os pares mãe-bebé foram divididos em dois grupos distintos, grupo de controlo e grupo experimental, num total de 61 sujeitos.

O grupo de controlo (32 sujeitos) constou de puérperas primíparas com bebés nascidos de termo (37 a 42 semanas), sem alterações anátomo-neurofisiológicas aparentes, em sistema de *rooming-in*.

O grupo experimental (29 sujeitos) foi constituído por puérperas primíparas com bebés nascidos prematuramente (até às 37 semanas de gestação e peso inferior ou igual a 2,500 kg), sem alterações anátomo-neurofisiológicas aparentes e internados numa unidade de prematuros.

Para além destes critérios de selecção, foram considerados outros parâmetros. Foram apenas escolhidas mães de raça branca e nacionalidade portuguesa, com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos, casadas ou vivendo maritalmente, sem doenças físicas ou psicológicas graves, cuja gravidez tinha sido desejada ou bem aceite e seguida por obstetra.

4. INSTRUMENTOS

Para além da Classificação Social Internacional de Graffard, que nos permitiu determinar o nível sócio-económico familiar, utilizámos como instrumentos num primeiro momento de avaliação no pós-parto imediato (1.º ou 2.º dia pós-parto) uma ficha de informação/questionário que contemplava diversos dados sobre a mãe e sobre o bebé, de forma a recolher o máximo de informação possível à caracterização da amostra e a primeira fase do Neonatal Perception Inventory (N.P.I. – I), desenvolvido por Broussard e Hartner, com o fim de detectar distúrbios poten-

ciais no desenvolvimento do bebé, actuando como instrumento de prevenção nos padrões de interacção precoce mãe-bebé.

Num segundo tempo de avaliação, um mês após a alta do bebé, foram enviados, por carta, a todas as puérperas da amostra, 4 questionários: uma segunda parte do N.P.I. (N.P.I. – II); o D.B.I. (Degree of Bother Inventory), versão complementar do N.P.I., que contém uma lista com algumas das situações que por vezes preocupam as mães quando cuidam dos seus bebés; o auto questionário M.A.M.A. (Maternal Adjustment and Maternal Attitudes after Delivery), cuja versão pós natal desenvolvida por Kumar, Robson e Smith, em 1984, foi concebida em função de dados experimentais precisos, para investigar os padrões de alteração no ajustamento materno e nas atitudes faces ao bebé e o Maternal Child-Care Attitudes and Feelings (E.M. K. K.), concebido por Codreanu e Engfer, em 1984.

5. CONCLUSÕES

Tendo em conta os resultados encontrados, podemos afirmar que, em termos gerais, não existe uma diferença significativa entre os dois grupos, no que se refere a expectativas e atitudes maternas.

Contudo, ao correlacionarmos as diversas variáveis existentes, de modo a fazermos uma análise mais exaustiva dos dados, foi evidente nestes resultados, a influência de diversas variáveis, como estatuto social, idade, peso à nascença e ter ou não visto o bebé logo após o nascimento, nas expectativas e atitudes maternas. Há, também, cada vez mais consciência que a situação de prematuridade envolve um grupo heterogéneo e que é necessário perceber os factores de variabilidade intragrupo.

Um dos factores relevantes é a questão da separação, dado que as mães que estiveram mais tempo separadas dos seus bebés são as que possuem expectativas mais negativas.

Dado o peso das expectativas e atitudes maternas nos padrões de interacção mãe-bebé, seria importante retomarmos este aspecto a vários níveis, de forma a tentarmos equacionar quais as implicações, em termos clínicos e de prevenção, da situação de prematuridade, que pensamos ser uma situação que remete para uma

vivência qualitativamente diferente da situação de termo.

Seria interessante estudar a articulação das expectativas e atitudes maternas com a própria personalidade da mulher, tendo em conta a maneira como ela se está ajustando à situação, os seus mecanismos de defesa, as experiências vividas e as expectativas que foi criando, de forma a se poder desinflacionar o eventual dramatismo da prematuridade ao mesmo tempo que se faz uso de defesas e recursos narcísicos que se dirigem muito mais no sentido de um projecto de maternidade a longo prazo.

BIBLIOGRAFIA

- Berger, L.R., & Schaeffer, A.R. (1985). The Premature Infant Goes Home. *Guidelines for Primary Care, AJDC, 139*, 202-202.
- Blau, A., et al. (1963). The Psychogenic Etiology of Premature Birth. *Psychosomatic Medicine, XXV*(3), 201-211.
- Brazelton, T.B., et al. (1987). *A Dinâmica do Bebé*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Broussard, E.R., & Hartner, M.S.S. (1970). Maternal Perception of the Neonate as Related to Development. *Child Psychiatry and Human Development, 1*(1), 16-25.
- Cukier, F. (1978). A Propos de Certaines Attitudes des Mères de Prematures. *Revue de Neuropsychiatrie Infantile, 26*(9), 435-438.
- Doweck, R.C. (1979). A inter-relação mãe e filho e os efeitos da separação pós-natal – uma revisão. *Journal Ped., 46*(6).
- Gauthier, Y., (1982). Traumatismes Précoces et leur Devenir, Pré maturité et Carence Affective. *Neuropsychiatrie de l'Enfance, 30*(4-5), 175-191.
- Jones, C.L. (1982). Environment Analysis of Neonatal Intensive Care. *The Journal of Nervous and Mental Disease, 170*(3), 130-142.
- Kestemberg, E. (1977). *Le Devenir de la Pré maturité*. Paris: P.U.F..
- Kumar, L. (1984). Development of a self-administered Questionnaire to Measure Maternal Adjustment and Maternal Attitudes during Pregnancy and After Delivery. *Journal of Psychosomatic Research, 28*(1), 43-51.
- MacFarlane, A. (1992). *A psicologia do Nascimento*. Lisboa: Edições Salamandra.
- Minde, K., et al (1975). Interactions of Mothers and Nurses with Premature. *Can. Med. Assoc. Journal, 113*, 741-745.
- Muylder, X. (1990). Etiologie du travail prématuré: quel est le rôle des facteurs Psychologiques? *Journal Gynecol. Obstet. Biol. Reprod., 19*, 77-82.

- Palisin, H., (1980). The Neonatal Perception Inventory: Failure to Replicate. *Child Development*, 51, 737-742.
- Philippe, F. (1974). A propos du Devenir de l'Ancien Prématuro. *Revue de Neuropsychiatrie Infantile*, 22(4-5), 263-280.
- Stern, M., & Hilderbrant, A.K. (1986). Prematurity Stereotyping: Effects on Mother-Infant Interaction. *Child Development*, 57, 308-315.
- Zeskind, P.S., & Jacino, R. (1984). Effects of Maternal Visitation to Preterm Infants in the Neonatal Intense Care Unit. *Child Development*, 33, 1887-1893.
- Zilboorg, G. (1976). The Clinical Issues of Post-Partum Psychopathological Reactions. *American Journal of Psychosomatic Research*, 20.

RESUMO

Neste artigo relata-se uma investigação que tem como objectivo analisar as expectativas e atitudes de mães primíparas com recém-nascidos prematuros.

ABSTRACT

In this paper we present the results of a research wich analyses the expectances and the attitudes of primiparous mothers with premature newborns.